

A PRESENÇA DE GREGÓRIO DE MATOS NAS ORIGENS DA LITERATURA BRASILEIRA

LEODEGÁRIO A. DE AZEVEDO FILHO (Professor Emérito da UERJ, Titular da UFRJ, Presidente de Honra da Academia Brasileira de Filologia e Acadêmico Brasileiro Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa)

A obra poética de Gregório de Matos, em seu conjunto, está diretamente ligada à problemática das origens da própria literatura brasileira, assunto que tem sido discutido sob perspectivas bastante diferenciadas. Em tal sentido, há várias teorias, a começar pela cronológica, que vê na Carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal o documento primeiro das nossas letras, assim como se fosse uma espécie de certidão de nascimento, já que a famosa Carta descreve a terra e o seu habitante indígena. Mas é evidente que, embora com valor histórico inquestionável, tal documento não deu origem a nossa literatura, situando-se no mesmo caso toda a produção literária dos viajantes do século XVI que aqui estiveram, é verdade que escrevendo sobre o Brasil, mas para um público estrangeiro, sendo alienígenas os autores. Portanto, não será por aqui que vamos encontrar a origem da literatura brasileira propriamente dita.

Pensando no assunto, o historiador Sérgio Buarque de Holanda foi o primeiro a sustentar a tese moderna de que não apenas as origens da literatura brasileira, mas as próprias origens da nossa cultura encontram suas perdidas raízes na estética jesuítica, desenvolvida em terra americana pelos padres da Companhia de Jesus, ordem religiosa ligada a Contra Reforma, em pleno século XVI. E as artes que se desenvolveram à margem da ideologia contra-reformista, artes no plural, pois o termo envolve as demais manifestações artísticas da época, a exemplo da pintura e da arquitetura, todas elas refletem o espírito barroco, então nascente, diante do dualismo conflitual entre a carne e o espírito, a terra e o céu, como expressão mesma de um humanismo angustiado. Nesse sentido, já no livro *Anchieta, a Idade Média e o Barroco* (1966), partindo das colocações teóricas de Sérgio Buarque de Holanda, mais tarde retomadas por Afrânio Coutinho em sua *Introdução a Literatura no Brasil*, coube-nos demonstrar que a poesia de Anchieta, independentemente da língua em que foi escrita (castelhano, português, latim ou tupi), bem representava a estética jesuítica no Brasil, nela encontrando-se as origens remotas da nossa literatura, dentro daquilo a que demos o nome de Pré-Barroco Jesuítico.

No século XVII, entretanto, é que o Barroco, como estilo de época, atingiria seu clímax em matéria de realização artística no Brasil, como no resto do mundo. Todas as nossas artes, então cultivadas, como a escultura, a arquitetura, a pintura e a literatura, logo se projetavam na órbita barroca. E aqui, agiganta-se a figura de Gregório de Matos, até hoje sem uma edição crítica no sentido rigoroso do termo, como bem assinalou Antônio Houaiss:

Não se conhece autógrafo de Gregório de Matos; não há texto seu impresso em vida; os códices que alegam preservar sua produção são apógrafos, já do século XVII, já do século XVIII; esses apógrafos parece terem sido colecionados a mão vária, por admiradores do poeta ou da tradição do poeta, sem nenhum critério normativo, acolhendo quanto se dizia ser de sua autoria; os textos impressos, parciais, se basearam, via de regra, num só apógrafo; a alegada primeira edição, aproximadamente mais completa foi feita, a ter havido colação, sem nenhuma crítica de autoria e com visível arbítrio, quanto a cronologia linguística e a critério e crítica textual.

Isso foi dito por Antonio Houaiss no Primeiro Simpósio de Língua e Literatura, realizado na UERJ, então UDF, com Atas publicadas pela Editora Gernasa em 1967, sendo da página 27 o pequeno trecho acima transcrito. De lá para cá, a situação não mudou muito, pois ainda continuamos sem uma edição verdadeiramente crítica da obra do maior poeta barroco da língua portuguesa, a despeito da inegável utilidade da publicação mais recente, que é a de James Amado, já em segunda edição, alias merecida. Mas são ainda necessários muitos anos de paciente trabalho para se ter uma edição crítica, a ser executada por uma equipe de pesquisadores altamente qualificados em questões ecdóticas, a ela atribuindo-se a função de preliminar de estudo, em profundidade, de todos Os apógrafos conhecidos, com todos Os rigores codicológicos e paleográficos. Na verdade, a questão de Gregório de Matos no Brasil se compara a questão da obra lírica de Camões em Portugal, desta última ocupando-se o autor destas linhas ha mais de trinta anos de ininterrupta investigação, com oito volumes já publicados pela Imprensa Nacional! Casa da Moeda, de Lisboa.

Como se sabe, o estilo barroco, partindo das artes plásticas para as artes rítmicas, por duas formas já foi conceituado: a primeira, tradicional e hoje marginalizada, é de origem neoclássica, pois se estruturou no século XVIII, exatamente o século que procurou reabilitar o classicismo de Quinhentos. Segundo tal ótica de oposição declarada, o Barroco seria um estilo rebarbativo, caracterizado por excessos e por manifesto mau gosto. Na segunda perspectiva, sobretudo após a revalorização estética do Barroco, iniciado por Woelfhin, em todas as artes do século XVII o que se tem é riqueza e esplendor. Com efeito, dentro da moderna conceituação, as artes barrocas, em seu conjunto, representam a passagem do tipo de representação táctil para a visual, opondo-se assim ao estilo do Renascimento, que era linear e claro, composto em plano, com partes coordenadas de igual valor, fechado (deixando fora o observador) e definido, sobretudo, em função da sua simetria e da sua harmonia. Ao contrário disso, o estilo barroco, em sua riqueza estética, é pictórico, dirigindo-se mais a visão que a audição, composto em profundidade (de modo a ser seguido e não sentido), com partes subordinadas a um conjunto, aberto (colocando dentro o observador) e apresentando relativa claridade, por ser o caráter ambíguo a categoria que essencialmente o define,

Na crítica literária moderna, que é o que nos interessa especificamente aqui, somente após o ano de 1914 é que o termo barroco começou a ser utilizado em relação a literatura produzida no século XVII, partindo-se da própria conceituação de Woelfflin, acima ligeiramente esboçada. No caso, a tradição medieval cristã e altamente espiritualizada, sempre em choque com o sentido paganizante do Renascimento, numa espécie de dualismo conflitual já aqui referido, explicará a própria gênese do espírito barroco, opondo-se a qualquer forma de racionalismo em artes. Daí as seguintes características de estilo, já apontadas por Afrânio Coutinho, na página 104 de sua *Introdução à Literatura no Brasil*, obra publicada em 1956: “o dualismo, a oposição ou as oposições, contrastes e contradições, o estado de conflito e tensão oriundo do duelo entre o espírito cristão, antiterreno, teocêntrico, e a espírito secular, racionalista “e mundano, tudo isso caracterizando a .essência do espírito barroco”.

Como se vê, como forma angustiada de humanismo, a ideologia barroca é necessariamente conflitual, pois se exprime em função do choque entre o finito e o infinito, o eterno e o efêmero, o transcendente e o terreno, a razão e a fé, num jogo permanente de antíteses agrupadas em torno da luta entre a carne e o espírito. Outros autores e teóricos apontam ainda no Barroco uma certa preferência pelos aspectos cruéis, dolorosos, espantosos, terríveis, sangrentos, repugnantes, além do feísmo, do inquietante tema da morte, sempre presente, em função mesmo da fugacidade do tempo e da brevidade da Vida, a tudo isso acrescentando-se ainda o fusionismo, com a unificação dos elementos isolados num todo orgânico. Por isso mesmo, não causa qualquer admiração que a linguagem poética do Barroco, como se vê na poesia de Gregório de Matos, venha pontilhada de anáforas, trocadilhos, jogos conceituais de palavras e de ideias, paradoxos, oxímoros, hipérboles, preciosismos, assíndetos, imagens emblemáticas, simbolismo, sinestésias, assimetrias, anacolutos, hipérbatos e ambiguidade. Mas tudo isso, é claro, em relação ao último Barroco, plenamente realizado no século XVII, pois o primitivo Barroco ainda era popular (não aristocrático, pois isso era Maneirismo) e simples, pretendendo as artes conquistar, para a religião, as grandes massas, conforme o programa artístico da Contra-Reforma. No caso, as artes começaram a ser utilizadas como instrumento de propagação da fé católica, a exemplo da própria estética jesuítica então desenvolvida. Insista-se nisso: o sentido primitivo do Barroco - e nisso se distingue do Maneirismo - foi o da repopularização das artes, segundo a tradição popular mais próxima, que vinha da Idade Média, como nos mostra a poesia de Anchieta em castelhano, português e tupi. Em latim, sobretudo nos dois grandes poemas que lhe são atribuídos, um dedicado a Virgem Maria e outro aos feitos de Mero de Sá, o piedoso jesuíta, imitando autores latinos, como Ovidio e Virgílio, constrói uma obra ideologicamente barroca na língua de Cícero, embora muita gente tenha dificuldade de entender isso. Mas foi na literatura brasileira, com Vieira e seus Sermões e com a poesia de Gregório de Matos que o estilo barroco atingiu a sua plenitude. Em artes plásticas, houve ainda o Barroco retardatário de Minas Gerais, no século XVIII, como a obra de Aleijadinho está aí para demonstrar-nos. Portanto, nas origens não apenas da literatura, mas da própria cultura brasileira,

o espírito barroco predomina e, praticamente, se estende ao longo de três séculos: o pré-barroco jesuítico da segunda metade do século XVI; o barroco pleno do século XVII, com Vieira e Gregório de Matos; e o barroco retardatário de Minas Gerais, ate porque a obra de nossos árcades está impregnada do espírito barroco, a despeito de suas preocupações classicizantes.

Outra observação importante diz respeito ao desenvolvimento dos estudos de versificação no século XVII, em particular na literatura castelhana. Por isso mesmo, com justeza, escreve Segismundo Spina, em seu livrinho sobre Gregório de Matos, São Paulo, Assunção, 1946, p.38:

Gregório de Matos possuía absoluto domínio da técnica versificatória: manejava todos os gêneros poéticos e com original maestria. Parodiava os sonetos clássicos, prevalecia-se dos paralelismos, das antíteses, dos calemburgos de poesias alheias que tanta fama alcançaram, para elaborar os seus. Isso também não desmerece o talento de Gregório, porquanto essas adaptações poéticas, justamente com poesias que granjearam larga popularidade, não constitui uma artimanha que implique desonestidade, mas uma faceta por onde fulge o espírito brincalhão e satírico do poeta baiano.

Como se sabe, já vinha da tradição do século XVI a boa imitação dos clássicos, descodificando-se os poemas latinos para recodificá-los em línguas românicas, conforme as normas da estética da identidade, então reinantes. Nesse sentido, Camões 6 alto exemplo da literatura portuguesa, pois dominou o decassílabo italianizante, escrevendo admiráveis sonetos e não menos admiráveis canções, odes, élogos, oitavas e elegias, sem abandonar o metro popular das redondilhas, tudo como mais tarde faria o nosso Gregório de Matos, também senhor da técnica do verso. Não apenas nas habilidades métricas, mas também no vocabulário e na sintaxe, o poeta baiano reflete o espírito angustiado da época. A sua língua literária, como não podia deixar de ser, é rica em antíteses, paradoxos, contradições, ambiguidades, metáforas, símbolos e jogos formais e conceituais de toda espécie. Por certo, como igualmente não podia deixar de ser, pelo menos do ponto de vista da literatura comparada, haverá nele poderosa influência de Gôngora e de Quevedo, os dois grandes mestres do Barroco espanhol. Mas o Brasil ali está, em seu contexto inteiro, inclusive com a penetração em sua língua literária de tupinismos e de africanismos, desconhecidos na literatura portuguesa da época. Em determinados momentos, tem-se a noção exata de que o espírito do poeta se divide entre as solicitações e os prazeres terrenos e a busca angustiada de Deus, revelando assim perfeita consciência do pecado e da fé. Não raro, associa o burlesco ao sagrado, humanizando o sobrenatural, para acompanhar a lição do Concílio de Trento de que o homem é pó e de que o espírito vence a matéria, numa atitude de renúncia e de recolhimento espiritual, mais própria do barroco quevedesco que do barroco gongórico. Em outros momentos, as seduções da vida terrena parecem

fascinar o seu espírito, afastando-se um pouco do barroco quevedesco e aproximando-se mais do barroco gongórico. Tal oscilação responde, no fundo, pela instabilidade e a falibilidade do humano em face do divino, recorrendo então à temática da fugacidade do tempo e da brevidade da vida, com os olhos postos na eternidade. Na sua poesia lírica, sem dúvida, o seu sensualismo é espiritualizante, embora o sentido de espiritualidade somente atinja a sua plenitude na poesia sacra, como é compreensível. Afinal, na parte satírica de sua obra poética, exatamente a que lhe deu maior fama, cognominado que foi o “Boca do Inferno”, não deixou de ridicularizar pobres ou ricos, fracos ou poderosos, sem escapar das grandes autoridades da época, que não lhe perdoaram o desaforo. Na dimensão desses três aspectos - o sacro, o lírico e o satírico-, é que se deve estabelecer (ou procurar fazê-lo) a medida exata do valor literário da obra de Gregório de Matos. Mas parece inegável que foi na sátira que o poeta mais se distinguiu, sendo temido e perseguido em decorrência desse aspecto de sua criação literária.

Aqui ficamos em caráter provisório, com a síntese interpretativa acima apresentada, pois somente após a publicação de uma edição verdadeiramente crítica de seus poemas é que será possível a realização de um estudo literário mais completo, baseado em textos que representem o que o poeta realmente escreveu.

Por fim, será de justiça mencionar aqui a importância dos estudos do Professor Doutor Francisco Topa, da Universidade do Porto - Portugal, sério investigador da poesia de Gregório de Matos, e cuja obra, em vários volumes, já se faz conhecida daqueles que se dedicam aos estudos da Ecdótica: Edição Crítica da Obra Poética de Gregório de Matos, Porto, 1999. Com efeito, Francisco Topa, em sua extraordinária Tese de Doutorado pela Universidade do Porto, a partir da análise de 292 manuscritos, por ele classificados em dois grupos, os principais e os secundários, sendo os primeiros os códices integralmente dedicados a Gregório de Matos, além de miscelâneas que incluem poemas de sua autoria, e os segundos são os que, em forma de miscelâneas ou outros documentos soltos, com textos de Gregório de Matos, em número reduzido. Em sua ampla pesquisa, Francisco Topa chegou ao total de 959 poemas, dos quais 107 inteiramente inéditos. Ao todo são quatro volumes: o primeiro, de introdução ao tema, já apresenta a 1.^a parte da *recensio*; o segundo apresenta-nos a segunda parte da *recensio*; o terceiro é dedicado à edição dos Sonetos e o quarto inclui os Sonetos restantes, com um anexo referente aos sonetos excluídos do corpus. A propósito, cumpre acrescentar o seguinte: em dois grossos volumes, com o título de O Mapa do Labirinto, a Secretaria de Cultura e Turismo de Salvador, Bahia, pela Imago, publicou em 2001 textos em prosa e poesia comprovadamente atribuídos ao nosso Gregório de Matos. De parabéns estão a Universidade do Porto e a nossa Secretaria de Cultura e Turismo de Salvador.

BIBLIOGRAFIA DE LEODEGÁRIO A. DE AZEVEDO FILHO

1. *Alguns problemas do idioma*. Rio de Janeiro: Gráfica Carioca, 1953.

2. *Didática especial de Português*. Rio de Janeiro: Conquista, 1958.
3. *Poética de Anchieta*. Tese de concurso público para o cargo de Professor Catedrático do Curso Normal - Português e Literatura. Rio de Janeiro: Gráfica Carioca, 1962.
4. *O verso decassílabo em Português*. Tese de concurso público de provas e títulos para o cargo de Professor Catedrático da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Gráfica Carioca, 1963.
5. *A motivação e a orientação da aprendizagem no ensino da Língua Portuguesa*. Obra premiada pelo Ministério da Educação e Cultura, com direito a estágio no Centro Internacional de Estudos Pedagógicos, em Sèvres, França. Rio de Janeiro: MEC, 1963.
6. *Tasso da Silveira e seu universo poético*. A obra recebeu o Prêmio Sílvio Romero, de Crítica Literária, conferido pela Academia Brasileira de Letras. Parecer de Barbosa Lima Sobrinho. Rio de Janeiro: Gráfica Carioca, 1963.
7. *As unidades melódicas da frase*. Rio de Janeiro: Editora do Professor, 1964.
8. *Introdução ao estudo da nova crítica no Brasil*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1965.
9. *Anchieta, a Idade Média e o Barroco*. A obra recebeu o Prêmio José Veríssimo, de Ensaio e Erudição, conferido pela Academia Brasileira de Letras. Parecer de Alceu Amoroso Lima. Rio de Janeiro: Gernasa, 1966.
10. *Murilo Araújo e o Modernismo*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1967.
11. *Gramática básica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1968.
12. *Estruturalismo e crítica de poesia*. A obra recebeu o Prêmio Banco Regional de Brasília, no IV Encontro Nacional de Escritores. Rio de Janeiro: Gernasa, 1970.
13. *Poesia e estilo de Cecília Meireles*. Prêmio Octavio Tarquinio de Sousa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.
14. *Para uma gramática estrutural da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1971.
15. *Síntese crítica da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1971.
16. *Ensaio de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.
17. *A técnica do verso em Português*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.
18. *Poetas do Modernismo*. A obra, com a colaboração de mais de 20 críticos literários coordenados pelo professor Leodegário A. de Azevedo Filho, foi publicada em 6 volumes. Elogio de João Cabral de Melo Neto pela imprensa de Portugal. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971-1973.
19. *Teoria da Literatura*. Em colaboração. Rio de Janeiro: Gernasa, 1973.
20. *Uma visão brasileira da Literatura Portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1973.
21. *Curso de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1975.
22. *As cantigas de Pero Meogo*. Edição crítica de um trovador galego-português do século XIII. Rio de Janeiro: Gernasa, 1974. [Segunda edição, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, em convênio com o INL, 1981; e terceira edição, Galiza, Espanha, Laiovento, 1995].

23. *O cânone lírico de Camões*. Rio de Janeiro: Gernasa, 1976.
24. *A lírica de Camões e o problema dos manuscritos*. Paris: Arquivos do Centro Cultural Português, vol. XIII, Fundação Calouste Gulbenkian, 1978.
25. Publicação das atas de dois Simpósios de Língua e Literatura Portuguesa, ambos realizados na UERJ, em 1967 e 1969.
26. Publicação das atas de nove Congressos Brasileiros de Língua e Literatura, quase todos realizados na UERJ. Rio de Janeiro, Gernasa, 1970-1976.
27. *Miscelânea filológica Clóvis Monteiro*. Sob sua coordenação. Rio de Janeiro: Editora do Professor, 1965.
28. *Miscelânea filológica Serafim da Silva Neto*. Sob sua coordenação. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
29. Publicação de 15 números da Revista Brasileira de Língua e Literatura. Rio de Janeiro: SBLL, 1979-1987.
30. *Um debate sobre o discurso literário*. Em colaboração. Rio de Janeiro Padrão, 1982.
31. *História da Literatura Portuguesa, vol. I: A poesia dos trovadores galego-portugueses*. Rio de Janeiro: EUUFAL / Tempo Brasileiro, 1983.
32. *As poesias de Anchieta em Português*. Em colaboração com o Prof. Dr. Sílvio Elia. Rio de Janeiro: Antares, 1984.
33. *Manuel Maria Barbosa du Bocage - Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1985. [Coleção Nossos Clássicos].
34. *Lírica de Camões, vol. I: História, metodologia, corpus. Apresentação de Antônio Houaiss*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.
35. *Luís de Camões: A instabilidade da fortuna*. Rio de Janeiro: SUAM, 1985.
36. *A obra de Anchieta e a Literatura Novilatina em Portugal*. Rio de Janeiro: SUAM, 1985.
37. *Lírica de Camões: 1.º tomo dos Sonetos*. Apresentação de Sílvio Elia. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.
38. *Literatura Portuguesa: História e emergência do novo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro / UFF, 1987.
39. *Iniciação em crítica textual*. Apresentação de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Presença, 1987.
40. *Luís de Camões: Ode ao Conde do Redondo*. Rio de Janeiro: Presença, 1988.
41. *Lírica de Camões: 2.º tomo dos Sonetos*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1989.
42. *Luís de Camões: 13 imagens e 1 poesia*. Introdução e Nota conclusiva de Barbara Spaggiari e livre adaptação do texto poético de Camões ao italiano moderno por Maria Raffaella Trabaiza. Itália, Edizioni deli'Arquata, 1990.
43. *Sobre Camões e Machado de Assis*. Discurso proferido na Academia Brasileira de Letras, em agradecimento ao Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto de obras. Parecer de Antonio Houaiss. Rio de Janeiro, [s/ed.], 1995.
44. *Camões, o desconcerto do mundo e a estética da Utopia*. Rio de Janeiro: Tempo

Brasileiro, 1995.

45. *A configuração do real em Euclides da Cunha*. Prêmio Maud de Literatura. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

46. *Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Língua e Literatura*. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

47. *Lírica de Camões - Canções*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1996.

48. *Lírica de Camões - Odes*. Apresentação de Roger Bismut. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1997.

49. *Lírica de Camões - Elegias em Tercetos*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1998.

50. *Ensaio de Linguística, Filologia e Ecdótica*. Rio de Janeiro: SBLL/ UERJ, 1998.

51. *Obra em prosa de Cecília Meireles, vol. I, Crônicas em geral*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

52. *Obra em prosa de Cecília Meireles, Crônicas de viagem, em três volumes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

53. *Obra em prosa de Cecília Meireles, crônicas de educação, em cinco volumes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

54. Apresentação do livro *A Língua Portuguesa e a unidade do Brasil, de Barbosa Lima Sobrinho*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

55. *Três ensaios de literatura medieval galego-portuguesa*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2000.

56. *Camões épico, lírico e dramático*. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2001.

57. *Lírica de Camões - Éclogas, tomo I*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2001.

58. *Sobre o espaço da Nova Lusitânia*. Agradecimento ao Governo de Portugal pela Comenda da Ordem do Mérito. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2002.

59. *Guerra da Cal e a estilística queirosiana*. Rio de Janeiro SBLL, 2003.

60. *Análise de um poema da moderna Literatura Angolana*. Rio de Janeiro: ABRAFIL, 2003.

61. *Melhores crônicas: Cecília Meireles*. Seleção e prefácio de Leodegário A. de Azevedo Filho. São Paulo: Global, 2003.

62. *O contra-Iluminismo de Bocage*. Rio de Janeiro: SBLL, 2004.

63. *Base teórica de crítica textual*. Rio de Janeiro: H.P. Comunicação, 2004.

64. *Descrição e funcionamento da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: H.P. Comunicação, 2004.

65. *Sonetos de Luís de Camões*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2004.

66. *Oito ensaios camonianos*. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2004.

67. *Debata sobre o discurso literário*. Rio de Janeiro H P Comunicação, 2005.

68. *Estudos Camonianos*. Rio de Janeiro: H P Comunicação, 2005

69. *Camões um soneto do corpus possibile*. Rio de Janeiro: HP Comunicação, 2005. Segunda edição, 2009.

70. *Modernismos e pós-modernismos na literatura brasileira: uma visão geral*. Rio

de Janeiro: H. P. Comunicação, 2005.

71. *Eça de Queiroz e o Romance Realista*. Rio de Janeiro: Sociedade Eça de Queiroz, 2006.

72. *Guerra da Cal e a estilística de Eça de Queiroz*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2007.

73. *Homenagem póstuma a Barbosa Lima Sobrinho*. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2007.

74. *Ensaio de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação Editora, in memoriam Alice Los de Azevedo, minha Mãe, 2007.

75. *Realismo e expressão do tempo na ficção de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Conferência na Academia Brasileira de Letras, 2008.

76. *Fernando Pessoa e seus heterônimos*. Porto-Portugal: Discurso na Universidade Fernando Pessoa ao receber o título de Doutor Honoris Causa, 2008. Segunda edição, 2009.

77. *Machado de Assis: o Crítico Literário*. Ensaio premiado pela Academia Brasileira de Letras (1.º lugar). Homenagem a Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 2008.

78. *A Técnica do verso em Português*. 2.ª edição revista, Rio de Janeiro: H. P. Comunicação, 2009.

79. *Os Lusíadas, edição fac-similar do exemplar da Biblioteca do I.H.G.B.*, com estudo teórico de Leodegário A. de Azevedo Filho. Exemplar que pertenceu ao Imperador Pedro II e que teria pertencido a Camões, Segundo informação manuscrita na página de rosto: “Luís de Camões, seu dono.” Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 2008.

80. *A expressão do tempo no romance de Machado de Assis*. Conferência lida na Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro, 2008.

81. *Lygia e a imortalidade da palavra*. Rio de Janeiro: H. P. Comunicação. A sair.

82. *Dinamene: Alma minha gentil que te partiste*. Rio de Janeiro: Edição do Autor.

A sair:

Lírica de Camões - Éclogas, tomo II. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda.

Em seguida, 2 tomos dedicados às Redondilhas. Por fim, um Glossário da Lírica de Camões.

Obras de referência: *Estudos universitários de língua e literatura*. Homenagem ao Prof. Doutor Leodegário A de Azevedo Filho Rio de Janeiro Tempo Brasileiro, 1993.

Miscelânea de estudos, com a colaboração nacional e internacional de filólogos, linguistas, ensaístas e críticos literários.

Congresso Internacional de Língua Portuguesa, Filosofia e Literaturas de Língua Portuguesa. Comemorativo do 63.º aniversário de fundação da Academia Brasileira de Filologia e do 80.º aniversário do Professor Emérito da UERJ e Titular da UFRJ, Leodegário A de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2008.